



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

ANGÉLICA BARRETO FERREIRA

**NAS “TRINCHEIRAS” DA MEMÓRIA: um diálogo sobre o papel do
arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte
Contemporânea (NAC)**

JOÃO PESSOA-PB
2011

ANGÉLICA BARRETO FERREIRA

**NAS “TRINCHEIRAS” DA MEMÓRIA: um diálogo sobre o papel do
arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte
Contemporânea (NAC)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Arquivologia, do Centro de Ciências
Biológicas e Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências parciais para
obtenção do grau de Bacharela, semestre
2011.2.

Orientadora: Prof^aMs. Manuela Eugênio Maia

**JOÃO PESSOA-PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

F383n Ferreira, Angélica Barreto.
Nas “trincheiras” da memória: um diálogo sobre o papel do arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) / Angélica Barreto Ferreira. – 2011.
54f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Manuela Eugênio Maia, Departamento de Arquivologia”.

1. Arquivista. 2. Memória. 3. Núcleo de Arte Contemporânea.
I. Título.

21. ed. CDD 020.92


ANGÉLICA BARRETO FERREIRA

**NAS "TRINCHEIRAS" DA MEMÓRIA: um diálogo sobre o papel do
arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte
Contemporânea (NAC)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Arquivologia, do Centro de Ciências
Biológicas e Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências parciais para
obtenção do grau de Bacharela, semestre
2011.2.

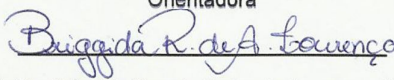
Aprovada em 17 de novembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

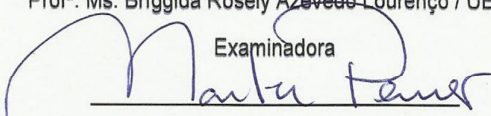


Profª Ms. Manuela Eugênio Maia / UEPB

Orientadora


Profª. Ms. Briggida Rosely Azêvedo Lourenço / UEPB

Examinadora



Profa. Ms. Marta Penner da Cunha/ UFPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais (Severino e Socorro) pela oportunidade de educação reta, incentivo, e a todos que estiveram ao meu lado em mais uma conquista,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Deus da minha vida, que me abençoou com todas as oportunidades, desde a aprovação no vestibular até a conclusão para a esperada, sonhada e batalhada formação.

Aos meus pais Maria do Socorro Martins Barreto Ferreira e Severino Ferreira da Costa, pelo amor, dedicação, incentivo e amparo em todos os momentos difíceis deste caminho.

A Marivone e Tatiane, madrinha e irmã de coração, respectivamente. Participaram desde o início, do sonho a realização.

Aos meus amigos, e em especial a Célia Medeiros Dantas e Andressa Ferreira Lima, pelas dificuldades que juntas conseguimos vencer, pela amizade firmada que mantemos, pelo dom da paciência que de maneira espetacular exerceram comigo. Uma certeza levo, que tudo passou, mas a nossa amizade permanecerá.

Ao meu paciente e sempre presente namorado Erik Roberto, agradeço pelo amor, compreensão, assim como pelo companheirismo.

Ao Evangelista Kleber Ricardo de Alencar Déca, pois esteve presente acompanhando cada conquista e cada vibração.

Aos meus queridos colegas de curso, com os quais a convivência foi maravilhosa, o aprendizado e os momentos de descontração marcaram estes quatro anos de curso. Não posso deixar de aqui citar, Josefa Dionísio, Danielle Formiga, Philipe Cavalcanti, Leandro Ferreira, Luís Paulo, Lourêdo Lacerda, Natan Dias, estes com certeza fizeram os dias mais felizes.

A coordenação do curso pelo apoio sempre que necessário, igualmente aos funcionários da UEPB, como a secretaria da coordenação e do Campus, como

também a todos aqueles que enquanto ainda estávamos para chegar em sala de aula já trabalhavam para que pudéssemos encontrar tudo pronto.

Em especial, expresso neste, o agradecimento ao Professor e Coordenador Washington Medeiros, que participou de maneira intensa no processo de construção do estudo e da pesquisa que será apresentada.

A Ms. Manuela Eugênio Maia, que desde o primeiro período acreditou no potencial que ora encontrava-se ainda como um cristal bruto, mas pronto para ser lapidado, a qual envolveu-me em projetos de extensão, incentivou e hoje minha orientadora, fato em que me faz sentir um grande sentimento de privilégio.

A Professora de Artes Visuais, Ms. Marta Penner, atual coordenadora do departamento de letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que nos apoiou como coordenadora do NAC, na medida do que estava ao seu alcance nas práticas do projeto aplicado no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC).

A Dra. Francinete Fernandes, pela parceria do projeto desenvolvido, como por ter sempre acreditado em mim, pelas oportunidades concedidas e pelo apoio.

Por fim, apenas demonstro através deste, meu singelo agradecimento a todos aqueles que de alguma forma me incentivaram e estiveram presente nessa fase de construção, formação, conquista. Conquista esta que levarei por toda minha vida.

[...] Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.

(Luis Buñuel)

RESUMO

O Arquivista tem ganhado cada vez mais espaço no mercado de trabalho, bem como tem se firmado mediante suas competências apreendidas no meio acadêmico. Este profissional tem acrescentado ao seu perfil profissional não apenas técnicas, mas também o gerir, destacando as competências técnicas e intelectuais. Deste modo, este tem se feito presente nas Instituições de caráter público e privado, buscando não somente contribuir para a facilidade nas atividades informacionais rotineiras, como também contribuir para a conservação e a preservação da memória institucional, histórica ou cultural. A presença do profissional da Arquivologia no NAC possibilitou a percepção da relevância do Núcleo para a Paraíba e para o movimento artístico revelado em cada documento. Diante disto, trata-se de uma pesquisa empírica, com o objetivo de expor a importância do papel do profissional arquivista na instituição como profissional da informação competente para auxiliar na promoção da acessibilidade, recuperação da informação, preservação e conservação visando o mantimento e perpetuação de uma memória, quer seja histórica, cultural, institucional. Os dados foram coletados através de entrevistas, diário de bordo, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, dentre outras necessárias a esta. Como resultado foi percebido que o NAC não se coloca como apenas um Núcleo, mas sim como um Núcleo pioneiro na arte contemporânea e conceitual na Paraíba, que carrega consigo o legado de um movimento cultural o qual teve a oportunidade de passar por este, grandes nomes da arte e com a presença do arquivista por meio do projeto possibilitou ao NAC acordar do sono profundo o qual se encontrava. Logo reafirma-se, que o NAC passa por um processo de reestabelecimento e de reconhecimento quando à memória histórica, cultural e coletiva que resguarda mediante as várias tipologias documentais pertencentes ao seu acervo.

Palavras-Chave: Arquivista. Arquivo. Memória. Núcleo de Arte Contemporânea.

ABSTRACT

The Archivist has gained more space in the labor market, and has been signed by their skills learned in university. This work has added to their professional profile not only technical but also to manage it, highlighting the technical and intellectual skills. Thus, it has made its presence in the institutions of public character and private, seeking not only help to ease the routine informational activities, but also contribute to the conservation and preservation of institutional memory, historical or cultural. The presence of the Professional Archival in Center enabled the perception of the relevance of the Center for Paraiba and the artistic movement revealed in each document. Given this, it is an empirical research aiming to expose the importance of the institution as a professional archivist for the information professional is competent to assist in the promotion of accessibility, information retrieval, preservation and conservation aimed at keeping and perpetuating a memory, whether historical, cultural, institutional. Data were collected through interviews, log book, document research, literature review, among other measures to this. As a result it was found that Center does not arise as only one core, but as a pioneer in the contemporary art and conceptual art ,center in Paraiba, which carries the legacy of a cultural movement which had the opportunity to go through this big names in art and with the presence of archives through the project enabled the NAC to wake up from deep sleep which was. Soon reaffirms that the Center is going through a process of re-establishment and recognition as historical memory, cultural and collective that protects through the various document types belonging to the force.

Keywords: Archivist. Archive. Memory. Center for Contemporary Art.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1	Seleção da documentação para higienização	34
FOTO 2	Seleção da documentação para higienização	35
FOTO 3	Higienização	38
FOTO 4	Tratamento	38
FOTO 5	Casarão-Palacete	43

LISTA DE SIGLAS

CONSEPE – Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão

DCI – Departamento de Ciência da Informação

FUNARTE – Fundação Nacional de Arte

MAM – Museu de Arte Moderna

MASP – Museu de Arte de São Paulo

NAC – Núcleo de Arte Contemporânea

NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

PROEAC – Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UEPB

PROBEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos específicos	17
1.3 ESTRUTURA	17
2 METODOLOGIA.....	18
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	18
2.2 PROBLEMATIZAÇÃO	19
2.3 UNIVERSO E AMOSTRAGEM.....	20
2.4 CAMPO EMPÍRICO.....	21
2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	22
3 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	24
3.1 INFORMAÇÃO E DOCUMENTO.....	26
3.2 ARQUIVO E MEMÓRIA.....	27
4 O ARQUIVISTA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MEMÓRIA.....	29
4.1 AÇÃO ARQUIVÍSTICA DA UEPB NO NAC: o antes	31
4.2 AÇÃO ARQUIVÍSTICA DA UEPB NO NAC: o depois	36
5 NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA: história adormecida de um gigante	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	52
ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO	53
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO	54

1 INTRODUÇÃO

Dados contextualizados, que se tornam informações, elemento transformador de estruturas e que, por conseguinte geram o conhecimento. Seria a informação um elemento tão importante assim? Esta pergunta requer uma resposta simplória, porém com outra pergunta, o que faríamos sem a informação? A informação é um elemento o qual poderíamos afirmar que não conseguiríamos viver sem ela no século XXI, na era do conhecimento e da informação. Esta, a informação, permite-nos chegar a qualquer lugar ainda que não saibamos, como também a experimentar e conhecer novos prismas e horizontes. Sabendo-se que no século o qual vivemos, informação é sinônimo de poder, sendo também sinônima de cura, inclusão, conhecimento, dentre outros vários sinônimos que o termo informação pode se adequar.

Com o excesso de informação produzida, de produção de documentos, surgiu da necessidade de um profissional que compreendesse e demonstrasse competências para o controle, tratamento e preservação dessas informações, que obtivesse em uma formação acadêmica tais orientações, visando não só os direitos e deveres que podem com estes serem reivindicados, bem como a conservação de lugares de memória, da história de uma sociedade, de um povo, cultura, movimentos, de pessoas. Deu-se a necessidade da presença do arquivista.

A Arquivologia assim como a Biblioteconomia e a Museologia compõe o escopo da Ciência da Informação, que tem trilhado ainda passos para sua total independência, para deixar de ser diretamente relacionada como ciência com outras áreas tornando-se autônoma, mas permanecendo interdisciplinar e transdisciplinar, tendo em vistas que ela tende a se interrelacionar com várias ciências afins tais como a administração, o direito, que a enriquece. A Arquivologia, bem como a Ciência da Informação, tem como objeto de estudo a informação que é um elemento transformador de estruturas, seguido do Arquivo e do usuário.

Assim como a Arquivologia também é o seu profissional. Iniciando-se como um profissional, o qual a sociedade demonstrava e ainda demonstra certa dificuldade em assimilá-lo, em compreender de fato o seu lugar no mercado de trabalho, até que então se percebe que se dissemina de forma gradual a distinção entre o arquivista ou arquivólogo e os demais profissionais da informação.

O arquivista se destaca em suas competências, por ser um cientista da informação detentor e transformador da memória institucional, além de investigador por excelência, pois a cada documento encontrado, recolocado em seu contexto de origem chega-se a preencher lacunas existentes no cotidiano administrativo da instituição como também na história desta, e conforme Duarte (2007), lidar com a documentação requer um aprofundamento e uma análise interpretativa especial, cuidadosa. Ressalvando que, em passos lentos os arquivistas que estão sendo formados e lançados ao mercado de trabalho, desmistificam a imagem criada do arquivista como o profissional do setor administrativo que prima por eficiência e eficácia no fluxo informacional, tornando mais ágil à recuperação da informação, arquivando e deixando no Arquivo permanente o que não se é mais útil para a instituição. A profissão do arquivista vai além de todas estas funções meramente operacionais.

O paradigma do arquivista como apenas o “cuidador de papel” tem ficado para trás do modo que o arquivista é o profissional competente e pensante no que se relaciona às teorias aplicáveis ao Arquivo. O plano de classificação, tabela de temporalidade, quadros de arranjo, dentre outros, são instrumentos que são produzidos, aplicados pelo arquivista, sendo este ainda o profissional que tende a estabelecer métodos que venham a conservar a documentação, conservando assim a memória histórica e cultural de determinada Instituição, independentemente de seu âmbito ou origem.

Couture (1994 apud JARDIM, 1995, p. 4) cita que “o arquivista tem o mandato de definir o que constituirá a memória de uma instituição ou de uma organização”. Salientando que toda e qualquer Instituição produz, recebe e expede documentação, produzindo, construindo sua memória Institucional e dessa forma necessitando de tratamento, cuidados para o seu mantimento.

A Arquivologia tem tomado seu devido espaço nas Instituições na medida em que lança no mercado profissional com competências suficientes para gerir os arquivos. Envolvendo a gestão de arquivos desde a produção do documento até a sua destinação final, levando-se em consideração sua importância para a memória da instituição, como também de uma memória histórica e cultural.

Arquivo é um lugar de memória, sendo o arquivista, o indivíduo competente para estar à frente deste lugar de memória. Conforme corrobora Jardim (1995, p. 5) citando Lima (1992, p. 26), “um país sem arquivistas é um país sem arquivos, e um

país sem arquivos é um país sem memória, sem cultura, sem direitos”, ou seja, um país, um estado, um município ou uma Instituição não tem direitos, memória e história se não tiver resguardado como também devidamente tratada a sua documentação.

Os arquivos detêm tudo aquilo que a instituição vive e produz no decorrer de seu funcionamento, desde a sua criação até os momentos de destaques, seja por um prêmio, ou desenvolvimento reconhecido regionalmente, nacionalmente ou internacionalmente, para a produção e construção da memória.

Desta forma, o arquivista tem se posicionado na sociedade e os arquivos têm conquistado seu devido destaque, de tal modo que este profissional tem desempenhado papel fundamental no que diz respeito à contribuição para a conservação e a preservação dos arquivos, como também da memória que é dever de um grupo, povo, uma instituição, da sociedade.

Percebemos, com isto, que se torna indispensável a presença do profissional da Arquivologia para fazer acontecer o tratamento documental, trazendo como consequências o ressurgir da vida da instituição, tendo em vista que o Arquivo faz parte de toda a história desta, em seu crescimento, desenvolvimento e seu mantimento infinito, pois mesmo que tal instituição venha deixar de existir, o Arquivo permanecerá com a história desta.

Nestas perspectivas, segue este estudo, buscando destacar a relevância da presença do arquivista nas instituições Arquivo, em especial no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), analisando o papel do arquivista para a preservação da memória do NAC, expondo assim os vários prismas assumidos pelo arquivista. Mostrando ainda que o trabalho do arquivista não se restringe apenas a técnicas, mas sim ao ter a capacidade de unir teoria e prática.

1.1 JUSTIFICATIVA

Com o surgimento das tecnologias e, em especial, as da informação e comunicação, tendemos a deixar de lado a busca pelas raízes, pela história, pelas origens, de forma a chegarmos a esquecer da história de um passado presente, de um estado, de uma cidade, de um povo, ou de um movimento. Tradições, culturas, manifestações artísticas deram lugar as redes sociais de relacionamentos, como aos

encontros casuais para um “happy hour”. A memória e a história passam a ser construídas de uma forma mais vulnerável e menos factível.

Couture e Rousseau (1998, p. 201) afirmam que “os arquivos são o espelho da sociedade que os constitui, os conserva e os explora para fins administrativos, culturais, patrimoniais ou de investigação”, e ainda ressalta Robert (apud JARDIM, 1995, p. 4) que “os arquivos constituem a memória de uma organização qualquer que seja a sociedade, [...] com vistas a harmonizar seu funcionamento e gerar seu futuro. Eles existem porque há necessidade de uma memória registrada”. Sendo assim, a história, quando vivida e registrada, para esta poder ser recontada, evocada, é necessária a investigação por intermédio dos documentos, registros em que se relatam, mostram-se os fatos por imagens, dentre outras.

O Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) é uma Instituição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que custodia em seu acervo uma história de surgimento, luta e sobrevivência do movimento da Arte Contemporânea na Paraíba, como do próprio Núcleo. Na leitura de cada documento, havia uma nova descoberta, na qual ainda poucos sabem e têm o acesso. O NAC tem, em seu Arquivo, informações de alto grau de relevância para a memória histórica e cultural da Paraíba, bem como informações que se complementam com as de outras Instituições afins, tais como os Centros e os Núcleos de Documentação da Universidade Federal da Paraíba. O patrimônio arquivístico do NAC é único, no sentido que retrata e revela um movimento artístico que se fez presente de forma singular no Nordeste, e em especial na Paraíba, em João Pessoa, na Rua das Trincheiras, em um casarão que também é patrimônio histórico, tendo já abrigado pessoas e Instituições de renome.

Diante disto, do que até então foi exposto, dá-se a perceber que o NAC transparece história e memória, desde a sua estrutura física, ultrapassando a imagem fixada, para além de pedra e cal, ao seu patrimônio arquivístico. Por isso, a preocupação da conservação do patrimônio arquivístico, tendo em vistas que vivemos em uma sociedade que parecer apresentar certa tendência a não priorizar a memória histórica coletiva ou social.

Abordar a memória do Núcleo como temática desta pesquisa surgiu através das práticas do Projeto de extensão “A Gestão da Informação Arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade

Federal da Paraíba (UFPB)”, no qual foi firmado um convênio entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o NAC não direciona a importância devida à perspectiva da memória presente nas várias tipologias documentais custodiadas, tendo estas, determinado valor na conservação e preservação da memória histórica e cultural para o Núcleo e para a Paraíba.

Este estudo expõe a relevância da preservação do patrimônio arquivístico do Núcleo de Arte Contemporânea tendo em vistas a construção e a preservação, bem como a conservação de uma memória histórica – cultural, que envolve a Arte Contemporânea, o surgimento do Núcleo na Paraíba desfazendo o eixo Rio - São Paulo, como também traz à sociedade a consciência de manter viva a memória de um movimento histórico, analisando assim a perspectiva da memória no referido Núcleo.

Para nós como arquivistas, este estudo afirma que o trabalho de um profissional da informação (o arquivista) transcende o custodiar, a gestão documental, expondo que além de investigador por natureza ele também colabora para a construção e a preservação da memória de uma Instituição, seja ela histórica ou não, e que de toda e qualquer forma vem a contribuir indiretamente com a Sociedade.

Para a Arquivologia, a pesquisa contribui no que se refere às pesquisas científicas que tem direcionado seu eixo temático para as diversas vertentes da gestão documental, ética, dentre outros, tendo estes seu devido valor, trazendo esta pesquisa como tema um diferencial, colocando-se como uma reflexão e lançando à sociedade uma preocupação quanto à preservação do patrimônio documental, os arquivos, para a construção, o mantimento, como também a conservação de uma memória histórica e cultural que se mostra riquíssima.

Para a sociedade, esta pesquisa contribui para tornar público a explicitação da preocupação com uma sociedade que percorre o caminho para se tornar uma “sociedade do esquecimento”, por não conhecer ou não ter o interesse e a consciência de que o que se está em questão, não é apenas a preservação do documento em seu meio, mas sim da memória e da identidade social.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o papel do arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar a história do NAC;
- b) Descrever as tipologias documentais do NAC;
- c) Discutir a preservação documental para a perpetuação da memória histórica e cultural do NAC.

1.2 ESTRUTURA

A presente pesquisa está sumarizada em seis capítulos. O primeiro trata da introdução, da justificativa e dos objetivos do presente estudo.

No segundo, abordamos os processos metodológicos adotados.

O terceiro capítulo trata-se da discussão, exposição e inter-relações de conceitos como memória, patrimônio, informação, documento e Arquivo.

No quarto capítulo, expomos e discutimos as competências da profissão do arquivista, bem como a sua contribuição para a conservação e consequente perpetuação da memória, seja ela histórica, cultural ou institucional tendo por base as práticas arquivísticas do Projeto de extensão “A Gestão da Informação Arquivística aplicada à memória histórica no NAC da UFPB”. O capítulo seguinte traz a história do NAC, percorrendo desde sua criação até os dias atuais, finalizando com as considerações finais da pesquisa.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa caracterizou-se como empírica, pois parte da "face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural" (DEMO, 2000, p. 21). Corroborando esse entendimento, Andrade(2006, p.18) afirma que a pesquisa empírica dedica-se a "codificar a face mensurável da realidade social".

A pesquisa partiu da abordagem qualitativa, na qual os resultados não serão quantificáveis e analisados de maneira indutiva, conforme evidencia Triviños (2007, p. 131): "na pesquisa qualitativa [...] segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. [...] existe a escolha de um assunto, uma coleta e análise das informações". Corroborando, afirma Barbetta (2008, p. 30) que a abordagem qualitativa é visivelmente percebida "quando os possíveis resultados são atributos ou qualidades". Salientando que se visou com esta pesquisa expor a realidade do fenômeno a ser estudado, através dos atributos positivos ou negativos da amostra.

Segundo Gil (2006, p.45), as pesquisas bibliográfica e documental apresentam semelhanças, porém a bibliográfica se baseia em livros, periódicos, etc., enquanto a documental se constitui nos documentos. As pesquisas bibliográfica e documental encontram-se como um dos instrumentos de referência primária a comporem a fundamentação e análise do fenômeno deste estudo.

Este estudo é de caráter explicativo que, segundo Gil (2006, p.42), "têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...]. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas". Este, no entanto, busca explicar os fenômenos ocorridos, neste caso em especial o entendimento de como se dá a perspectiva da preservação da memória no Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba.

Essa pesquisa caracteriza-se também como um estudo de caso por desempenhar um cunho descritivo. Triviños (2007) define que o estudo de caso se caracteriza como uma categoria de pesquisa que permite ao pesquisador/investigador analisar uma unidade em profundidade, assim como explorar o fenômeno em toda a sua complexidade. O estudo de caso então permite

ao pesquisador uma aproximação maior com a realidade e um maior detalhamento do fenômeno em questão.

2.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A busca pela eficiência e eficácia organizacional exigida no mundo atual, reflete automaticamente na rápida tomada de decisão, a qual está relacionada diretamente com o fluxo informacional das instituições. Informação é poder e é também memória. Tem-se percebido a preocupação com a otimização, porém deixando a importância do tratamento e preservação documental das instituições para que estas possam ter sua memória e sua identidade institucional.

A memória é uma sequência lógica e intelectual que é evocada através, por exemplo, de um panfleto, um convite, um ofício, um catálogo, etc. Por isso, a importância da presença do profissional da Arquivologia no ambiente institucional, como também a relevância da preservação documental e a consciência de que o que produzimos, seja através da escrita, do meio digital/eletrônico, da oralidade, fotografias, quadros, dentre outros, faz parte do processo de construção da memória. Estes auxiliam no estímulo da lembrança. Ressaltando que a memória sofre alterações, evoluções, e vários fatores como tempo e história influem em sua construção.

Ao que tudo indica o NAC, para o estado da Paraíba, representa patrimônio histórico devidamente reconhecido e tombado, e para a sociedade viria a ser uma instituição que promoveu, e, ainda promove a arte contemporânea. Nos dias atuais, que diferem dos anos 80 (anos de auge do NAC) o Núcleo procura, com o apoio dos artistas locais, continuar cumprindo com o que nasceu para desenvolver.

A memória depende diretamente do patrimônio arquivístico, pois este de modo registrado permite ao usuário, e até àquele que desconhece o Núcleo e o movimento da arte contemporânea, a possibilidade de conhecimento acerca destes episódios que fazem parte de uma memória coletiva ou social.

Como se dará a conhecer a história do NAC se não houver o patrimônio arquivístico? E a memória, como será conservada, mantida desta forma? Indagações como tais terão que ser feitas para que no amanhã não se viva em uma sociedade do esquecimento, vencida pelo comodismo, com uma memória que

percorre os passos da estrada do desconhecimento por ausência de consciência e conhecimento.

Portanto, esta pesquisa primou por analisar a perspectiva da memória no Núcleo de Arte Contemporânea, a partir da investigação baseada na documentação custodiada pelo Núcleo, desvelando seus enlaces, apresentando sua história de criação e estabelecendo uma discussão sobre os conceitos arquivísticos.

Diante do que já fora exposto, este estudo parte da seguinte questão: como entender a perspectiva da memória no Núcleo de Arte contemporânea (NAC) para a Paraíba?

2.3 UNIVERSO E AMOSTRAGEM

Lakatos e Marconi (2008, p. 225) conceituam universo ou população como “conjunto de seres animados ou inanimados que apresentem pelo menos uma característica em comum”, e amostra, parte representativa dessa população, na qual neste, priorizou-se a amostra não probabilística intencional, definida de forma proposital. Então, o universo de uma pesquisa é representado pelo *lócus* definido, e a amostra se refere ao (s) fragmento (s) escolhido (s) para serem analisados como focos na pesquisa, ou seja, são para estas o direcionamento do estudo.

Este estudo teve como universo o Arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba. A decisão de escolha por esse universo partiu das práticas do projeto “A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”. Apresentamos então como amostra a ser referência do estudo o acervo documental, sem especificação das tipologias. Neste, utilizamos a amostragem não probabilística intencional ou de seleção racional, conforme Lakatos e Marconi (1996, p. 47), neste “o pesquisador não se dirige [...] a elementos representativos da população em geral, mas àqueles que [...] exercem suas funções de líderes de opinião na comunidade”, ou seja, é determinada através de um direcionamento proposital.

2.4 CAMPO EMPÍRICO

Para este estudo, teve-se como campo o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Paraíba, que é uma Instituição vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O NAC localiza-se na Rua das Trincheiras, no casarão 275, no Centro de João Pessoa. A história do Núcleo deu-se a conhecer de forma mais detalhada após uma conversa informal, se caracterizando como uma entrevista não estruturada, com os colaboradores deste. O NAC surgiu como ideia, em meio à uma discussão entre professores da UFPB, que buscavam descentralizar o eixo das manifestações da arte contemporânea, que seria o eixo Rio - São Paulo.

Em se tratando da arte contemporânea, sabe-se que foi um movimento do século XX, que teve sua origem a partir das discussões sobre a concepção tradicional de arte, refutando o belo e o padrão nas obras artísticas até então produzidas. Em sua essência, a arte contemporânea contrapõe-se a uma necessária representação física da arte, valorizando a concepção da “ideia”, ou seja, há uma valorização da ideia que resultará no objeto. Por isso, denomina-se também de arte conceitual.

Nos anos 70, com o apoio do governo às divulgações artísticas, dá-se início ao processo de fundação dos Núcleos não só na Paraíba como em vários outros Estados do Brasil. Em 1978, o NAC surgia como ideia, sendo formalizado pela portaria número 19/78. Buscavam, com a instalação de um ambiente para manifestação das artes plásticas na Paraíba, a inovação nos meios acadêmicos, nas Universidades Federais, incluindo a UFPB, bem como promover a arte, o ensino e a consciência dos movimentos e manifestações artísticas.

O NAC quando devidamente criado, foi instalado no casarão 275 na Rua das Trincheiras, onde se situa até os dias atuais, conforme já citado. O casarão abrigou um músico, que foi o proprietário, antes do governo adquirir devido as dívidas deste, passando a ser Palacete Presidencial, Faculdade de Odontologia, dentre outras.

Entre os anos de 1978 a 1985 deram-se os momentos de auge do NAC que, segundo os funcionários, aconteceram grandes convênios de escolas com o Núcleo, oficinas etc. No entanto, com o passar do tempo, o auge do NAC deu espaço ao “marasmo”, de modo que a instituição passou a funcionar apenas durante a semana (de segunda-feira a sexta-feira, das 08h00 ao meio dia e de 13h00 as 17h00). Hoje, o NAC tem uma realidade distante de seus anos de auge, época em que a

instituição encontrava-se aberta ao público nos finais de semana. O público-alvo do NAC sempre foram os alunos que participam dos projetos e oficinas sobre arte e, mais especificamente, a arte contemporânea, os artistas responsáveis pelas exposições e os demais observadores, apreciadores das exposições.

2.5 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Como instrumentos de coletas de dados utilizados na pesquisa, temos a entrevista não estruturada, a observação livre, o diário de bordo ou de campo, a pesquisa bibliográfica e documental, e como perspectiva de análise, utilizamos a análise do conteúdo.

A entrevista que é uma forma de coletar informações a qual permite ao pesquisador inferir e perceber as emoções no decorrer de sua aplicação, podendo ainda deduzir se há ausência da verdade através da reação do entrevistado. Neste utilizamos ainda, a entrevista aberta, semelhante a uma conversa entre duas ou mais pessoas, seguindo tópicos de discussão; Caracteriza-se também por ser informal e, por isso, a facilidade em sua aplicação.

No caso de uma das entrevistas a ser útil nesta pesquisa, foi realizada no período das práticas do projeto de extensão abaixo citado, tendo por base que as informações estão devidamente permitidas para serem utilizadas. As demais entrevistas foram aplicadas aos coordenadores e ex-coordenadores do Núcleo, após a vigência das práticas do projeto.

Ainda temos a observação livre, que conforme Triviños (2007, p. 153), “satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, [...] da prática manifesta do mesmo e a ausência total ou parcial, de estabelecimento de pré-categorias para compreender o fenômeno estudado”. A observação livre permite ao pesquisador relatar o fenômeno, como também fazer as devidas observações espontaneamente. Neste caso, será observado o estado de preservação documental, o tratamento documental, bem como outras vertentes da preservação e da memória que se encontra imbuída na pesquisa. Salientando que a observação facilita a análise qualitativa da real situação da Instituição de maneira tática e profunda.

Como instrumento de coleta de dados, temos também o diário de bordo, que consiste em um relato diário, neste caso utilizamos o diário de bordo com os registros das atividades do projeto “A gestão da informação arquivística aplicada à

memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”, que auxilia na recuperação de informações necessárias neste estudo.

A pesquisa documental baseou-se, segundo Lavelle e Dionne (1999, p. 168), em “reunir os documentos, descrever ou transcrever eventualmente seu conteúdo e talvez em efetuar uma primeira ordenação das informações para selecionar aquelas que parecem pertinentes”, ou seja, coletar dados para o estudo/pesquisa através de uma fonte primária de informação. Quanto à análise do conteúdo, afirma Lavelle e Dionne (1999, p. 214), que é necessário:

Empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das ideias principais... [...], desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.

A análise do conteúdo consiste em extrair a informação crucial para a confirmação ou não da hipótese trabalhada. Pode-se afirmar então que é na análise do conteúdo que inicia-se o processo de análise do dados e consequente conclusão e considerações a serem elencadas acerca da pesquisa.

3 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

O nascer, o viver, os momentos mais marcantes do espetáculo da vida, como também os mais decepcionantes que se enquadram naqueles que se fazem questão de esquecer, mas que a todo o momento lembram-se e os esquecem. Neste ritmo, de lembranças e esquecimentos segue a vida, e de uma forma esplendorosa a construção da história e da memória, seja ela individual, coletiva ou social. Ainda que vivida individualmente represente uma memória coletiva, pois sempre haverá terceiros envolvidos em determinada construção. Uma construção na qual o esquecimento também se torna uma forma de memória.

A memória é materializada no patrimônio e nos lugares de memória, sendo ele documentos, monumentos, dentre outros. Fontanelli (2005, p. 25), reconhece por lugar de memória ao afirmar que “a memória não é apenas aquela que está com e nas pessoas, mas também nos documentos preservados nas instituições que, por isso mesmo, podem ser denominadas instituições-memória ou lugares de memória.” Lugares de memórias são os documentos, fotos, imagens, quadros, catálogos, convites, cartas, e tantas outras mais espécies e gêneros.

Complementando o pensamento de Fontanelli (2005) e Nora (1993), afirma que estes lugares são os quais estreitam a relação entre história, memória e experiência permitindo a inter-relação entre passado, presente e futuro. Os lugares de memória são todo e qualquer objeto, documento, monumento, que carregue consigo algo significativo de lembranças, história e estórias.

A construção da memória de uma instituição, independente de ser pública ou privada, de um indivíduo, depende diretamente de seu patrimônio documental, que é agregado ao longo do tempo à instituição e a pessoa. Para Almeida (2005, p. 22) citando Le Goff (1996) “os documentos e também os monumentos são aplicações materiais da memória coletiva e da sua forma científica– a história”. Entende-se então, que os documentos são materializações da memória e da história. Inferindo-se ainda que a inexistência do patrimônio documental pode causar a inexistência de um processo de construção da memória e conseqüentemente da história. E, ainda, ressalva, Azevedo Netto (2008), que a memória é aquele conjunto de eventos, fatos personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação de atualidade e o seu passado,

quer imediato, quer remoto. Enquanto Belloto (2006), afirma que [...] a memória é um conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não.

Santos (1993, p. 83), citado por Almeida (2005, p. 21), afirma que:

Por memória podemos compreender reminiscências através das quais nos encontramos com o passado, repetição de atitudes e sentimentos dos quais raramente nos damos conta, construção e reconstrução de nossas identidades ao longo de nossas vidas, e até mesmo o inexplicável saber.

Corroborando Nora (1993, p.15), expondo que a “memória verdadeira, transformada por sua passagem em história, dá lugar a uma memória arquivística, ou seja, à constituição vertiginosa e gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar”.

No que cerne ao patrimônio, Fontanelli (2005, p. 44), defende que “documentos/monumentos [...] constituem o patrimônio cultural seja de uma comunidade, cidade, estado ou nação, mas só terão valor de existência se forem utilizados pela comunidade que lhes atribua valores”.

O patrimônio é constituído pelo que se tem construído pela população ou indivíduos que os detêm, tendo em vistas que esta população tem que ser conscientizada para a importância da preservação da documentação, do que se remete à memória. Lembrando-se que se toma por base, uma categoria da memória que transcende desde os museus à memória física. Precisa-se desconstruir a concepção de que patrimônio restringe-se a propriedade, enfatizando Gonçalves (2002, p. 23) que, “a noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade”. Salientando que a sociedade tem tal concepção arraigada em seus modos de vivência, que por vezes são impostos a seguirem.

Pensar em memória relacionada ao patrimônio arquivístico implica pensar em que os documentos desde sua criação, ainda que para alguns tal documentação não demonstre tamanho relevo, esta vai ser parte de um processo de construção da memória da instituição. Resume bem, Almeida (2005, p.) citando Ferrão (1997), quando relata que “patrimônio é qualidade e memória”, e ainda Nora (1993, p. 15), ao relatar que “o que nós chamamos de memória, é de fato a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar”.

3.1 INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

A sociedade e o mundo empresarial/gerencial buscam a praticidade, aliadas a rápida tomada de decisão que conseqüentemente está relacionada a custo-benefício e a lucratividade. O mundo gira em torno de informações, torna-se inevitável estar conectado ao mundo sem estar sendo bombardeado a cada segundo de mais e mais informações, porém com o excesso de produção de informação torna-se por vezes dificultoso a seleção das informações, a disponibilização e a sua conservação.

Informação, em uma definição abrangente, seria dados contextualizados e/ou inseridos em determinado contexto. Mas de acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, informação é “elemento referencial, noção, ideia ou mensagem contida num documento”, confirmado, Oliveira (1997, p.34), afirma que “informação é o dado trabalhado [...] que permite tomar decisões”. E documento assume o conceito de “unidade de registros de informações, qualquer que seja o suporte” (BRASIL, 2004, p. 65).

Toda e qualquer instituição produz, recebem documentos e informações, independente do fluxo informacional ou da frequência do usuário, as instituições constroem sua história e conseqüentemente sua memória desde o momento de sua criação. Dessa forma, a presença do arquivista na instituição se faz necessário desde o momento de sua criação, para tanto se exige antes de tudo a consciência no âmbito empresarial de tal necessidade e da relevância do profissional arquivista no ambiente organizacional.

Informação e documento são conceitos que se encontram intimamente interligados, pois a informação é dado processado e contextualizado, registrados em determinado suporte. A informação pode gerar o conhecimento, desde que esteja inserida em um contexto pré-existente que atenda as necessidades de informação do usuário/indivíduo. Sendo o documento a informação registrada, a informação contida no suporte tradicional e popularmente conhecido, o papel.

Diante disto, pode-se afirmar que, no universo o qual nos encontramos inseridos, qualquer indivíduo, independente de suas condições, incluindo nestes os que requerem algum tipo de tratamento especial para o acesso a informação, necessitam se manterem informados. Sabendo-se que a informação é um meio de inclusão social. Olhando para além do horizonte, seria até cabível acentuar que informação carrega consigo um significado aquém de apenas informar, o significado

de poder. Quem possui informação, conhecimento, possui uma forma de rever e repensar a vida e seus vários leques, sendo, justamente esta, uma das funções da informação.

3.2 ARQUIVO E MEMÓRIA

O arquivo é um “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independente da natureza dos suportes” (BRASIL, 2004, p. 19), ou seja, envolve todos os documentos desde a criação da instituição.

Arquivo é um lugar de memória, e em conformidade com Nora (1993, p.14):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.

Nora explicita bem, o que tem se visto no que cerne a manipulação de uma memória que não é verdadeira, que se destaca, se caracteriza pela não espontaneidade.

Os arquivos resguardam memória, resplandecem memória, desde o mais simples catálogo de determinada exposição que faça evocar algo vivido, até, por exemplo, documentos da ditadura militar que evocam lutas, sobrevivências, torturas de uma sociedade que lutava por democracia e justiça.

O arquivo é o elo que liga a memória ao passado evocado no presente, que conforme Mathieu e Cardin (1990) citado por Jardim (1995, p.6), “os arquivos são práticas de identidade, memória viva, processo cultural indispensável ao funcionamento no presente e no futuro”. Sendo de extrema relevância, direcionar uma atenção especial, quando se caracteriza o Arquivo como “memória viva”, tendo por base que não se tem essa consciência, mas que aos poucos a realidade atual está mudando.

Na relação memória e arquivo, Lodolini (apud JARDIM, 1995, p. 4), expressa essa associação:

Desde a mais alta Antigüidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria ‘memória’ inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de graffiti e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado [...]. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos. A vida mesma não

existiria - ao menos sob a forma que nós conhecemos - sem o ADN, ou seja, a memória genética registrada em todos os primeiros 'arquivos'.

Mathieu e Cardin (apud JARDIM, 1995, p. 5), destaca que:

A memória registrada [...] é um processo que serve às exigências das organizações. Ela procura um sentido nos conhecimentos aos quais se refere uma organização e a partir dos quais ela se constitui. A memória registrada mediatiza a reflexão derivada do pensamento organizacional para analisar uma situação, ela assegura decisões que sustentam a ação e orienta o desenvolvimento das operações.

Percebemos então que, se não houver a consciência da preservação dos documentos para a construção e a conservação de uma memória que por sinal é direito de todos, a sociedade percorrerá em passos largos para a desconstrução da memória individual, social e/ou coletiva.

Por memória individual e coletiva, entende Pollak (1992, p. 2), que individual refere-se aos acontecimentos vividos pela pessoa ou indivíduo, tendo a coletiva sua referência nos acontecimentos vividos pelo grupo ou sociedade a qual pertence por isso à correlação do termo memória coletiva e/ou social.

Belloto (2006), afirma que a memória é se caracteriza como um conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não. De fato, o Arquivo resguarda a vida da instituição em formato de documentos sejam no suporte tradicional ou no digital/eletrônico e que estes por sua vez demonstram uma necessidade afritante de preservação. Preservar para gerações futuras bem como para o mantimento dos princípios arquivísticos, dentre eles o da originalidade, que consiste em respeitar sua organicidade, considerando as relações estruturais e funcionais; principalmente para essas informações, essa memória continuar sendo difundida; conhecida.

4 O ARQUIVISTA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MEMÓRIA

Ao longo do tempo, o arquivista tem se deparado com vários rompimentos de paradigmas, e um deles tem sido sobre o seu perfil profissional. Como se considerar o arquivista, um profissional da informação ou do conhecimento? E no que cerne as suas funções, seria o arquivista um profissional de curso superior o qual lhe compete apenas desenvolver suas atividades relacionadas ao fluxo informacional de forma que aperfeiçoe a eficiência e a eficácia informacional, e conseqüentemente a tomada de decisão do gerencial, ou surgiu da necessidade demandada da Indústria da Informação? O arquivista tem em seus passos rápidos ou não, exposto o que em verdade lhe compete, tendo com isto mostrado que não se limita ao arquivamento ou a melhoria percebida na eficiência e eficácia na gestão organizacional.

Duarte (2007, p. 7), defende que:

Ante a instalação acelerada da indústria da informação, a Arquivologia surge com mais vigor e possibilidade de atingir o seu objetivo enquanto área do saber. Esse aspecto estimula e promove o seu estado de arte, mas passa a incomodar os que ainda consideram a possibilidade de, além do arquivista, outro profissional da informação ser capaz de planejar e administrar projetos em instituições arquivísticas.

A Arquivologia como área do saber, não tende a lançar ao mercado de trabalho, profissionais que simplesmente executam mandatos ou suas atividades de forma técnica, em conformidade Matos e Cunha (2003, p. 7), afirmam que, “cabe a Arquivologia identificar as fronteiras que demarcam o seu respectivo campo do conhecimento”. A Arquivologia tende a formar indivíduos com conhecimento, capacidade e competência para a elaboração e cumprimento de atividades como, profundo conhecimento do acervo a ser tratado para o planejamento e o norte de por onde começar. Desse modo, o arquivista tem se desvinculado de uma imagem arraigada ao tecnicismo. Tecnicismo este que compete ao arquivista, mas que não o limita simplesmente a técnicas, tendo que estabelecer a relação direta e de cumplicidade da teoria e da prática.

O arquivista não tende a tecer, planejar apenas para se tornar mais um projeto de organização, mas sim para executar, vindo a abarcar as necessidades informacionais, gerenciais, em curto prazo e em longo prazo, isto quer dizer que, o arquivista visa à organização para satisfazer as necessidades do cotidiano, porém também pensando na difusão cultural, na memória institucional que por vezes esta memória pode vir a fazer parte de uma memória histórica e cultural, social e/ou

coletiva em construção, envolvendo não só a instituição, como determinada região, cidade, movimento, momento, etc.

Assim é o arquivista um investigador documental nato por excelência bem como por natureza, capaz de através de métodos técnicos auxiliar na remontagem para recontar a história de uma instituição ainda que esta não traga consigo uma representação histórica, cultural ou patrimonial. Instituições, públicas ou privadas, históricas, culturais ou não, passam pelo processo de construção da memória, história.

A instituição desde sua fundação produz documentos e desde então inicia a construção da memória institucional. Em se tratando do NAC, tem-se uma instituição que foi criada na Paraíba, sem apresentar de início motivos ou razões convincentes, porém envolvendo diversas questões e concepções, como políticas nacionais e regionais, tendo a participação dos professores da UFPB, dentre outros.

Percebemos que o NAC é uma instituição que resguarda toda uma história do movimento da arte contemporânea, do seu surgir e da sua desenvoltura na Paraíba, um pouco de arte-educação, dos artistas mais buscados pelo movimento nos anos de seu surgimento, caracterizando-se como uma memória histórica e cultural, coletiva ou social.

Em meio a este contexto de tratamento documental, patrimônio documental, preservação, memória coletiva, social, histórica e cultural, em que contexto poder-se-ia inserir o arquivista? Conforme Duchein (apud DUARTE, 2007, p. 147), “é essencial que os arquivistas não depreciem seu papel como guardiões dos documentos, um papel oficialmente reconhecido pelas várias leis nacionais sobre prova documental”. O arquivista afirma sua principal função na era da informação e do conhecimento, mas tem acrescentado e aperfeiçoado suas competências que ultrapassam o horizonte do tratamento documental, da imagem de custodiador, chegando a ser o indivíduo que tem em suas mãos o elemento transformador de estruturas, a informação, e que ao mesmo tempo age interferindo, decidindo na construção da memória institucional, regional, nacional, mundial, tendo por base que os documentos são lugares de memória e assumem também a designação de patrimônio documental.

Desse modo, o arquivista, como profissional da informação, assume um perfil de gestor, técnico, cientista e investigador. Segundo Couture (apud JARDIM, 1995, p. 4) “o arquivista tem o mandato de definir o que constituirá a memória de uma

instituição ou de uma organização”, ou seja, compete ao arquivista a elaboração, aplicação da tabela de temporalidade, como primar pelo estabelecimento de uma comissão permanente de avaliação de documentos para o discernimento do que vem a ser de fato permanente, mantido, que faz parte da história e consequente memória institucional. Cabe ao arquivista uma maior responsabilidade, frente aos princípios éticos na decisão pela eliminação ou pelo arquivamento permanente para fins científicos e difusão cultural.

Jardim (1995) cita o discurso de Favier na abertura do XII Congresso Internacional de Arquivos ocorrido em Montreal no ano de 1992, o qual afirma enfaticamente as responsabilidades do arquivista:

Somos arquivistas, não somos homens do passado. Nós temos a responsabilidade da memória comum dos homens e uma responsabilidade na construção do futuro. Estamos a serviço da vida, somos responsáveis por uma memória ativa que é, antes de tudo, um instrumento de trabalho para as sociedades humanas. A memória é o fundamento dos direitos dos cidadãos. (FAVIER, 1994 apud JARDIM, 1995, p. 5)

O arquivista colabora em um ambiente de memória, em um presente que procura perpassar o futuro, difundindo-se e existindo para que não seja privilégio de poucos o conhecimento, mas que possa alcançar multidões.

4.1 AÇÃO ARQUIVÍSTICA DA UEPB NO NAC: o antes

A Rua das Trincheiras, até o projeto, era apenas uma simples rua a qual por muitas vezes passava-se por ela, pelo casarão 275, mas na verdade nem sabia-se pra que serviria aquele casarão, o que funcionava nele e se funcionava algo. Para alguns, ainda hoje não tem grande significado ou não se importam, talvez porque não faz parte da redoma de seus objetivos, talvez porque não tenha conhecimento que mesmo sem querer faz parte da história e memória da sua cultura, cidade, do seu Estado. A falta de informação e conhecimento conduz um indivíduo à ignorância e ao egocentrismo.

Na busca de recuperar, preencher, resgatar e preservar a memória do NAC, assim como pôr em prática a extensão acadêmica, foi lançado o convênio entre as instituições UEPB e UFPB através do Projeto de Extensão da UEPB, no qual a iniciativa partiu da Docente Ms. Manuela Eugênio Maia, denominado, “A Gestão da Informação Arquivística Aplicada à Memória Histórica no Núcleo de Arte

Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”, tendo como coordenadora principal a Professora Mestre Manuela Eugênio Maia, além da colaboração da Dra. Bernadina Maria Juvenal Freire de Oliveira (professora do Departamento de Ciência da Informação [DCI] da UFPB); Ms. Marta Penner da Cunha (Coordenadora do NAC no ano de 2009 e atual vice-coordenadora), Ms Marco Aurélio Alcântara Damasceno (atual coordenador do Núcleo), a especialista Laudereida Eliana Marques Morais (Arquivista do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR /UFPB) e por graduandas em Arquivologia pela UEPB, Andressa Ferreira Lima, Angélica Barreto Ferreira e Célia Medeiros Dantas. Após aprovação do projeto pela PROBEX, junto a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC), em julho de 2009, sem financiamento institucional algum, foi dado início as práticas do projeto.

O NAC, então, passou a existir para as pessoas envolvidas no projeto, quando na realidade foi escolhida a Instituição pela Coordenadora do projeto, a Professora Ms. Manuela, pois até então nem o bolsista, nem voluntário tinham conhecimento de um Núcleo deste porte que existira na Paraíba. Enfatizando que, com o projeto, o meio acadêmico da UEPB pôde também conhecer um grão de areia a história do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba.

A partir do momento em que o convênio foi firmado entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os colaboradores do NAC puderam perceber que ainda havia uma chance para o Núcleo sair do estado de sobrevivência o qual se encontrava, como ressalva a Professora Mestre e atual coordenadora do curso de artes visuais da UFPB, Marta Penner. Esse projeto possibilitou a visão para que outros também fossem aplicados e que o NAC passou a ser de alguma forma conhecido no meio acadêmico da UEPB. O projeto de extensão da UEPB “A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB”, teve como um dos objetivos o tratamento arquivístico da massa documental acumulada, sua organização e classificação, seleção, dentre outras atividades.

O Arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea foi por muito tempo utilizado como um local onde se deposita materiais e documentos de um modo geral. Tal Arquivo armazena, a priori, documentos não para preservação da informação e sim para as necessidades informacionais do cotidiano da instituição, tais como, transmissão/disseminação da informação que contém no documento. Mas, como

será possível a transmissão/disseminação da informação caso não haja preservação documental? E a memória? A resposta é sucinta a impossibilidade, no que condiz em longo prazo e tratando de memória, a resposta é a ausência da consciência e do conhecimento.

Como bem explica Cassares (2000, p.13):

Não podemos eliminar totalmente as causas do processo de deterioração dos documentos, com certeza podemos diminuir consideravelmente seu ritmo, através de cuidados com o ambiente, o manuseio, as intervenções e a higiene entre outros.

No entanto, em se tratando da realidade dos arquivos brasileiros, costumeiramente não constam, ou encontram-se raros, a criação de uma conservação preventiva em acervos. Quando ocorre a intervenção de profissionais especializados ou a criação de uma conservação preventiva por parte destes garante-se ao Arquivo o tratamento adequado, sabendo-se que geralmente o acervo, a documentação pode ter passado por algum tipo de procedimentos não adequados.

De acordo com Cassares (2000, p. 21), as intervenções inadequadas para a preservação são:

Todos os procedimentos de conservação que realizamos em um conjunto de documentos com o objetivo de interromper ou melhorar seu estado de degradação. Muitas vezes, com a boa intenção de protegê-los, fazemos intervenções que resultam em danos ainda maiores.

Desta forma encontramos no Arquivo do NAC a documentação com necessidade de organização de acordo com os parâmetros da arquivística. Todo e qualquer documento custodiado por uma instituição é parte de algo, de uma memória em construção, seja ela individual, coletiva/social. No caso do NAC a representação da construção de uma memória histórica e cultural.

Os documentos neste depósito acima referido encontravam-se amarrados a barbantes, em caixas de papelão, com alto nível de sujidade, bem como uma classificação do senso comum, realizada pelos funcionários do administrativo, ou seja, necessitando de organização. O Arquivo é composto pelos seguintes gêneros documentais: bibliográfico, iconográfico, eletrônico e cartográfico; dos suportes visualizados, encontra-se do orgânico, ao inorgânico, passando pelo eletrônico.



FOTO 1: Seleção da documentação para higienização

FONTE: Dados do Projeto de Extensão. ago. 2009

FOTÓGRAFA: Angélica Barreto Ferreira

No Arquivo do NAC encontramos uma grande quantidade de livros, em torno de setecentos e quarenta e um (741) livros, seis (6) cartazes, vinte e um (21) quadros, tendo o maior quadro a medição de 1,34 x 1,62 e o menor quadro 47 x 39, telas, fotos, gravuras, peças tridimensionais, CD's, mais de duzentos (200) slides que são os diapositivos, que segundo Marco Damasceno, atual coordenador do Núcleo, são da década de 70 e 80, documentos, as mais varias espécies e tipologias, recibos, declarações, resoluções, regulamentos, fotocópias de jornais, catálogos de exposições, dentre outros mais. Na medição realizada como uma das primeiras atividades do projeto identificou-se um pouco mais que doze metros lineares de documentos textuais.

Quanto à sala, a qual o acervo acomodava-se, se encontrava com instalação elétrica sem funcionamento, com equipamentos que já não mais funcionavam, armários e estantes enferrujadas, sem nenhum tipo de ventilação, ou seja, a estrutura para o acervo era totalmente inapropriada. Além de que, o acervo sofreu algumas mudanças, e com estas foi deixada uma lacuna na documentação, pois cada vez que o Arquivo, por consequências de chuvas, as salas se deterioravam, e este se mudava, documentos eram perdidos “no meio do caminho”.

O Arquivo do NAC encontrou-se sem nenhum procedimento de gestão da informação, acumulando-se em caixas inapropriadas para o acondicionamento da documentação. De tal forma, o projeto teve como finalidade reavivar este Arquivo no intuito de que este desempenhe, sobretudo, sua função histórica. O Núcleo de Arte Contemporânea é de grande importância para a Paraíba, pois, possibilita ao cidadão uma visão acerca desse movimento artístico no Estado.

A constituição e o fortalecimento da memória local em relação ao Arquivo do NAC serão desvelados, documento a documento, por meio das técnicas arquivísticas. A organização desse Arquivo implica reavivar a história da arte contemporânea, sobretudo em nosso estado. Permite que percebamos e localizemos por meio de seus registros a vida desse Núcleo, além de apresentar a relevância desse espaço como ambiente de discussão, produção e análise da arte contemporânea.

Conforme citado acima, percebemos o descaso que acometeu o Arquivo de uma Instituição que divulgou a arte contemporânea ao final dos anos 70 enquanto estava sendo idealizado; nos seus primórdios fundou-se na arte educação, a qual difere dos dias atuais em seu modo de ser realizada, enfatiza Marta Penner em entrevista para coleta de dados. Valendo aqui salientar, que documentos, fotografias, slides, cada negativo de foto, gravura, catálogo, convite é um lugar de memória e como tal tende a ser mantido, conservado, preservado.



FOTO 2: Seleção da documentação para higienização

FONTE: Dados do Projeto de Extensão. ago. 2009

FOTÓGRAFA: Andressa Ferreira Lima

Conservar e preservar a memória do NAC é mais do que uma questão profissional ou da Arquivologia, tornou-se uma questão de cidadania, cultural, pois o NAC não é um simples Núcleo, ainda que assim muitos tenham o tratado. O NAC representa memória, deste sua estrutura arquitetônica até o que encontra-se em seu interior, sabendo-se que há atualmente, pessoas que passam todos os dias nos ônibus ou em seus carros pela Rua das Trincheiras, pelo casarão 275, mas não sabem que ali, naquela rua, naquele casarão, sobrevive há anos o Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba (NAC – PB).

4.2 AÇÃO ARQUIVÍSTICA DA UEPB NO NAC: o depois

É pertinente a concepção de preservar para evocar, sabendo-se que patrimônio não se restringe apenas em edificações e peças históricas, incluindo aqui os documentos escritos e audiovisuais custodiados em arquivos. Salientando que preservar a memória documental, histórica e social é preservar o patrimônio público, que pertence aos usuários envolvidos diretamente ou indiretamente com este e é missão primordial destes lugares de memória resguardar a memória do patrimônio público, permitindo que de acordo com suas necessidades de informação e de evocação possam ter o acesso garantido. Trazer algo a lembrança, evocar é resgatar da memória o fato acontecido, daí a importância da preservação documental, e neste caso em especial, da documentação do Núcleo de Arte Contemporânea.

A construção da memória, conforme já exposto, depende diretamente do patrimônio documental da nação, da instituição, da Paraíba. A perda da documentação ou parte dela são danos irreparáveis e que impedem o processo de construção de uma memória histórica e cultural.

A história e a cultura para se manterem vivas dependem da memória, dos registros, porém, é necessário a uma sociedade fadada ao descaso a perda que causa valorização. Sendo necessário ressaltar que com o advento das tecnologias, o pensamento do acesso imediato e desmedido tem tomado proporções incontroláveis, e em mesma estância tem colocado a memória em situações de risco, nas quais o usuário não tem se preocupado se ele terá a informação há cinquenta anos, apenas requerendo o uso da informação corrente.

Lowenthal (apud JARDIM, 1995, p. 2) sintetiza de maneira espetacular, ao grifar que “não é preservar o passado, mas adaptá-lo, enriquecendo e manejando o presente”, esta é a função primordial da preservação aliada ao processo de construção da memória histórica e cultural.

Muito se tem pensado em acesso, disponibilização de informação, rápidas tomadas de decisões, informações gerenciais, a gestão da informação para o bom desenvolvimento no âmbito empresarial, e tem-se deixado a mercê do descaso documentos, informações e conseqüentemente a preservação documental, a conservação da memória. No entanto, é relevante destacar o profissional

competente da informação, detentor das técnicas e especificidades, sujeito principal a estar tomando as “rédeas” deste caso, o arquivista.

A título de esclarecimento, conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, preservação é a “prevenção da deterioração e danos em documentos por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico”. Ressaltando que a preservação do acervo documental está diretamente interligada a questões climáticas em que se encontra o Arquivo bem como estruturais, como ocorre o manuseio do documento, poeira, luz, insetos, alimento no recinto, solventes, segurança do ambiente contra furtos, etc.

A preservação é, antes de mais nada, uma conscientização, pois como permitir que essa documentação possa ser frequentemente consultada se não apresentar estado consideravelmente regular de conservação. Se esta disponibilizada desta forma, tende a ter um nível de deterioração cada vez mais acentuado.

Antes de toda e qualquer intervenção na documentação, é necessário o processo de diagnóstico para conhecimento da situação do Arquivo a ser trabalhado, que segundo Paes (2006, p.35) afirma “sem o conhecimento dessa entidade – sua estrutura e alterações, seus objetivos e funcionamento – seria bastante difícil compreender e avaliar o verdadeiro significado de sua instituição”. Sendo assim, as atividades do projeto iniciam-se com o diagnóstico, possibilitando o conhecimento geral de como se encontrava o Arquivo, desde os documentos textuais, aos quadros, cartazes, plantas, dentre os demais. Concomitantemente a essa fase, tivemos aulas expositivas com o Professor e Atual Coordenador do NAC, Marco Damasceno, sobre arte, arte contemporânea, manifestações artísticas, buscando entender e compreender de forma mais ampla esse universo no qual se encontrava inserido.

Durante o desenvolvimento das atividades, os documentos foram retirados das amarras com barbantes, higienizados um a um, transferidos para outro local, o qual hoje é realmente o Arquivo, separados de acordo com a espécie, armazenados em caixas poliondas doadas ao NAC, identificados, classificados e logo após a higienização passavam pelo processo de descrição arquivística. Neste, foi elaborada uma ficha de descrição pela Professora Coordenadora do projeto, Ms. Manuela Eugênio Maia, a qual contemplava campos específicos para a descrição dos

documentos textuais recebidos e expedidos, bem como estes contemplavam também toda e qualquer documentação do acervo.

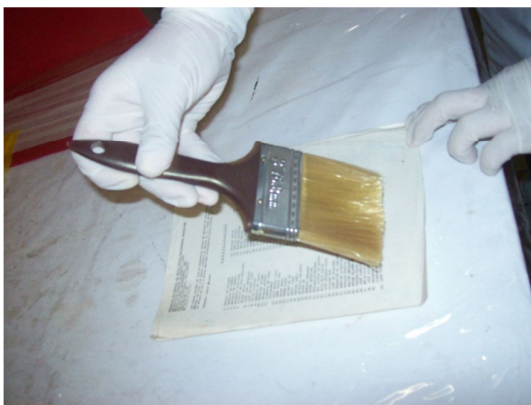


FOTO 3: Higienização

FONTE: Dados do Projeto de Extensão. ago. 2009

FOTÓGRAFA: Célia Medeiros Dantas

Aos poucos a documentação foi sendo transferida para uma outra sala que julgou-se mais adequada, conforme já citado, com as estantes limpas e dispostas de forma a facilitar o acesso ao Arquivo, de modo que a documentação só era arquivada após a sua higienização e descrição. Uma parte da documentação foi higienizada e parte desta foi descrita.



FOTO 4: Tratamento

FONTE: Dados do Projeto de Extensão. ago. 2009

FOTÓGRAFA: Angélica Barreto Ferreira

Ao final do projeto, as documentações juntamente com os livros que compunham a biblioteca do NAC tiveram que ser transferidos para a sala próxima a cozinha do Núcleo, pois a sala a qual se encontrava o antigo Arquivo, estava em estado de alerta para desabamento por causa das chuvas. Enfatizando que, esta

sala não apresentava nenhum critério para estabelecimento e permanência do Arquivo nesta. Por isso houve a mudança emergencial para não ocorrer perdas, e logo após foi dado continuidade ao processo de organização e reestabelecimento do acervo.

Em entrevista, Penner (2011), enfaticamente afirma que, a consciência da memória partiu através de trabalhos acadêmicos no NAC e do Projeto de Extensão do convênio entre a UEPB e a UFPB. A iniciativa desse projeto e sua consequente prática proporcionaram ao NAC, seus funcionários e a sociedade uma segunda chance, na qual se torna primordial a percepção do caráter de importância e privilégio deste Núcleo para a Paraíba.

Benjamim (1994, p. 37) relata que, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”, ou seja, é relevante a preservação para evocações futuras. Complementando com o Casanovas (2003, p. 9) ao expor que “[...] a conservação é, antes de mais, uma opção cultural nossa”.

5 NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA: história adormecida de um gigante

O conceito de arte passa com o decorrer do tempo por diversas mudanças e fases, com isso o belo, o sublime começa a ceder espaço para a representação, para a ideia do fazer, podendo assumir as mais variadas interpretações.

A arte contemporânea surgiu após a II Guerra mundial, mais se estabelecendo na década de 60, na qual os artistas ansiavam por expor polêmicas que giravam sobre realidades econômicas, religiosas e sociais que estavam ocorrendo nesta época, desmistificando a arte que era vista no passado como representação do “belo”, como um “padrão” determinado, passando agora para a apresentação e a valorização da ideia, do pensamento. Freire (2007, p. 42), constata que “a dúvida é o *locus* da arte contemporânea”, a partir das obras e manifestações de Paulo Bruscky.

Esse novo modo de fazer e pensar arte era denominado por alguns autores de Pós-Modernismo, passando a ser explanados e analisado de forma crítica pelo observador, desta forma foram adquirindo novos adeptos, mais também espectadores que não concordavam com esse novo olhar de ver a arte, e assinalavam como rebeldia por às vezes tais artistas utilizarem materiais inesperados e insignificantes, como o caso do urinol de Duchamps, o qual utilizou um objeto industrializado, do cotidiano em sua exposição, embolsando assim grande conceito na arte e importunando um grande impacto perante a sociedade.

Com esse novo modo de fazer arte, movimentos foram surgindo na moda, no cinema, na pintura, na literatura e os mais conhecidos são: Arte Pop, Arte OP, a Internet Art e a Street Art, a ArtNaif, a Instalação, o Concretismo, Minimalismo, Arte Conceitual, Arte Povera, Fotorrealismo, Neofiguração, Neoexpressionismo. Sendo a Arte Conceitual um dos momentos mais importantes na Arte Contemporânea.

Afirma Freire (2006, p. 8) a arte conceitual:

De modo geral, opera na contramão dos princípios que norteiam o que seja uma obra de arte e por isso representa um momento tão significativo na história da Arte Contemporânea. Em vez de permanência, a transitoriedade, a unicidade se esvai frente à reprodutibilidade; contra a autonomia, a contextualização; a autoria se esfacela frente às poéticas de apropriação; a função intelectual é determinada na recepção.

A Arte Conceitual buscava então fazer com que a sociedade refletisse e expressasse seu intelectualismo através das exposições. Este modo de fazer arte, permitia a sociedade não apenas apreciar a obra mas interferir de forma intelectual, causando e despertando todos os tipos de sentimentos.

No Brasil a arte contemporânea começa a aparecer quando os dois grandes museus, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna (MAM), instituídos no final da década de 40, tomam iniciativas de criar a I Bienal de São Paulo em 1951, que tinha inspiração na Bienal de Veneza. Bienais foram acontecendo em São Paulo e logo após na cidade do Rio de Janeiro, no qual os artistas do mundo se encontravam para expor e discutir arte contemporânea. A partir destes encontros entre artistas, eles perceberam a necessidade de expandir esse movimento que é a arte contemporânea em outras cidades do Brasil, deixando de se concentrar no eixo Rio - São Paulo. Então os artistas discutiam suas ideias para que se criassem núcleos e museus de arte contemporânea que servisse com meio não só de divulgação, mas também como lugares para se criarem oficinas e projetos para alunos acadêmicos e a população local. Ideias essas, que passaram a ser concretizadas nas cidades brasileiras, criando núcleos e museus que tinha como o papel fundamental a arte contemporânea.

Os núcleos passam a serem criados para o incentivo a pesquisa e extensão nas artes visuais, como também projeto do Governo Federal de divulgação da arte contemporânea e de atividades advindas desta área. Vários estados do Brasil são contemplados com os Núcleos.

Em reuniões, professores de Artes da UFPB, juntamente com o reitor da época, Lynaldo Cavalcante de Albuquerque, como uma tentativa de criar uma proposta para trazer um dos Núcleos de Arte Contemporânea para Paraíba e dessa forma desconcentrar o eixo Rio-São Paulo. Além de uma tentativa de estímulo aos novos artistas que surgiam, bem como, uma forma de ter um espaço, um local em si de manifestação de arte, causando assim um renascimento da cultura, distanciando-se da defasagem cultural que rodeava o meio acadêmico.

Valente (2010), atualmente Assistente Administrativo do NAC, afirma:

O NAC foi criado em 78(...) com o apoio do Professor Everaldo Lucena que era Pró-Reitor na época, então o NAC surgiu da ideia de um grupo de amigos, um reencontro vamos dizer assim, a partir daí eles criaram com finalidade de descentralizar arte do eixo Rio e São Paulo (na época era só Rio e São Paulo), com a finalidade de pesquisar, estudar as artes visuais através da informação da pesquisa e extensão com a comunidade em geral.

Os motivos que levaram a criação do NAC não se resumem em alavancar e estimular a maior produção da arte e prestígio da cultura. De fato, a arte, a cultura eram formas de fazer política e adquirir simpatia. Para Jordão (2011, p. 147), “a cultura ocupava um lugar de destaque nas estratégias de cooptação e controle de opositores políticos [...] nas universidades brasileiras.” A arte então se tornou uma forma de atrair os professores, estudantes do meio acadêmico e das escolas dos ensinos de primeiros e segundos graus.

O NAC foi pensado e projetado em 1978, no qual se houve um projeto de criação da proposta do NAC, com a presença do Reitor Lynaldo Cavalcante, Paulo Sérgio Duarte, Antonio Dias, Iveraldo Lucena e outros envolvidos com a arte. A proposta foi desenvolvida, aceita pelo meio acadêmico e implantada.

A Resolução n. 15/79 do CONSEPE, fixa norma para a criação de Núcleos de Pesquisa e Extensão, e a Resolução n. 33/80, cria o Núcleo de Arte Contemporânea – NAC. Esta última estabelece em seu artigo primeiro que fica criado o NAC, com a finalidade de estudar, promover e difundir as artes visuais contemporâneas na UFPB e na comunidade em geral; executar e/ou participar de programas interdisciplinares compatíveis com seus objetivos; manter sua infraestrutura de produção e documentação artística ligada ao ensino, à pesquisa e à extensão. O NAC teve sua sede no Campus da UFPB em João Pessoa em um dos imóveis patrimoniais e era vinculado a Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários.

A Resolução n. 33/80 aprova o Regulamento do NAC que dispõe acerca de que o Núcleo é um órgão suplementar da UFPB e que era e é regido pelo Regimento Geral, pela Resolução n. 15/79 do CONSEPE e pelo Regulamento acima citado. Torna-se necessário entender que, o NAC foi projetado, criado como proposta em 1978, desde então iniciou suas atividades, porém foi estabelecido dentro das normas como Núcleo da UFPB após a publicação desta resolução e da Resolução n. 33/80.

O NAC foi criado, porém o apoio financeiro que teria que ser destinado a este não foi ativado de modo que, procurou-se de imediato a FUNARTE, que é a Fundação Nacional de Arte, sendo um órgão do Ministério da Educação e Cultura, criada em 1976 com o objetivo de melhor atender as necessidades artísticas e culturais do país. Desde sua criação tem procurado ativar as artes de modo geral, apoiando as iniciativas particulares e promovendo eventos. A FUNARTE é o órgão o qual o NAC conta desde sua criação, de 1978 até 1985.

Em matéria publicada por meio de jornal, em 21 de setembro de 1978, tem como chamada “Núcleo de Arte Contemporânea é criado e está em funcionamento”. No corpo da matéria, discorre que o NAC incentiva a cultura e a arte ao passo que promove a documentação e a divulgação da cultura paraibana, busca manter intercâmbio e convênios com outros centros de atividade a fim de trocar experiências, informações e desenvolver atividades, promovendo ainda o estudo de materiais da cultura local para a produção artística contemporânea.

O NAC teve o privilégio de ter pessoas ilustres e renomadas da Arte Contemporânea e visuais em sua coordenação, abaixo descritos:

- ⇒ 1978 a 1982-Professor Raul Córdula e o Professor Chico Pereira
- ⇒ 1982 a 1988- Professor Chico Pereira e o Professor Raul Córdula
- ⇒ 1988 a 1994- Professor Luiz Afonso Bernal e o Funcionário José Valdir dos Santos
- ⇒ No final de 1994- Funcionário Severino
- ⇒ 1995- Professor Alarino (fica só três meses) e o professor Gabriel Bichara
- ⇒ 1995 a 1996- Professor Gabriel Bichara e a Funcionária Solange Bandeira
- ⇒ 1997 a 1998- Funcionária Solange Bandeira
- ⇒ 1999 a 2000- Professora Livia e a Funcionária Maria José
- ⇒ 2000 a 2006- Funcionária Maria José
- ⇒ 2006 a 2009 - Professora Marta Penner e Professor Hugo Penegrino
- ⇒ 2010aos dias atuais - Professor Marco Damasco

O casarão o qual sediava o NAC era conhecido também como casarão-palacete, local onde aconteceram saraus com músicas eruditas, além de disputar com outros bairros o fato de ser um dos melhores lugares para residir. Estima-se que tenha sido construído no século XIX por suas características arquitetônicas. O casarão serviu de moradia para o comerciante e músico Eduardo Fernandes que realizava eventos envolvendo a sociedade e que era repleto de música, arte e elegância. Em 1902 o casarão passa a ser o Club Symphonico no comando do maestro Elias Pompílio, passando em 1909 a ser casa residencial, o qual o dono se endividou e o vendeu para o Estado, e o casarão então torna-se Palacete Presidencial, no qual passou Antônio Pessoa. Este ainda abriga a Escola Normal, a Diretoria de Saúde Pública, a Faculdade de Odontologia e por fim o NAC.



FOTO 5: Casarão-Palacete.

FONTE: Dados do Projeto de Extensão. ago. 2009

FOTÓGRAFA: Angélica Barreto Ferreira

O NAC em seus primeiros anos mostra-se como uma Instituição que mesmo apenas com o apoio da FUNARTE, conseguiu expandir-se. Após a exposição de inauguração passa a ter mais e mais exposições de modo que em uma semana haviam várias exposições, oficinas de litogravura, até atingir seu auge nos anos 1980 e permanecer até 1985. Em 1985 o NAC deixa de ser apoiado pela FUNARTE, o que induz segundo entrevistados a decadência do Núcleo e passando a sobreviver dependendo diretamente da Reitoria.

Entrevistados declaram enfaticamente que, o NAC encontra-se desde 1985 em estado de sobrevivência, relutando para se manter vivo e seguir cumprindo com o propósito o qual foi criado. Uma instituição desse cunho é sem dúvida alguma de uma relevância indiscutível para a Paraíba, mas infelizmente por uma ausência de educação cultural acaba-se permitindo que os olhos permaneçam vendados, às cegas. Salientando que a fachada do NAC em 2008, em comemoração aos seus trinta anos foi “NAC 30 anos: sobrevivendo nas trincheiras”.

O NAC tornou-se um gigante adormecido pelo esquecimento e ausência de incentivo, mas que em pequenos passos tenta se reestabelecer. Aos poucos o NAC volta a ser novamente um local visitado, a abrigar exposições, palestras, cursos. A memória que o Arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) resguarda é uma memória que envolve passados e lembranças que foram vividos coletivamente, ao passo que se trata de uma memória individual e coletiva simultaneamente, entrelaçados em uma perspectiva de memória que inclui movimentos históricos

como a arte contemporânea na Paraíba, artistas renomados que deixaram uma “gotícula” de seu legado artístico como contribuição, dentre outros.

A preservação como uma decisão e aspecto cultural nosso precisa ser difundida, ao passo que, gigantes como o NAC não permaneçam na posição inerte ao qual se encontrava e em passos lentos reergue-se. Arte, cultura, manifestação, lembranças, memória, lugares de memória, preservação, termos intrinsecamente ligados quando se trata do gigante que sobrevive nas trincheiras, o NAC. A perpetuação desse gigante, depende diretamente da conscientização das pessoas para a singularidade do Núcleo em se tratando do movimento artístico contemporâneo, da memória histórica e cultural que é desvelada a cada documento lido, descrito, tratado e devidamente arquivado para fins histórico, de pesquisa e difusão cultural em sua função permanente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte sem dúvidas alguma foi um movimento que marcou e continua marcando, por ser um canal no qual se utilizou para representar a realidade do modo que a sociedade vivia e se comportava independente da imagem passada de sociedade justa e feliz. A política de criação dos Núcleos possibilitou a concretização de ter um espaço físico para expor a tudo e a todos essas manifestações e representações que divergiam em pequenas escalas do lúdico de outrora. A primazia na arte contemporânea tornou-se outra, o choque, a busca de algo que fugisse do padrão imposto pelas sociedades.

O NAC na Paraíba foi muito mais significativa que uma simples tentativa de descentralizar o eixo Rio-São Paulo, representou e ainda representa a ousadia dos Professores de artes visuais da UFPB, como também desempenhou um papel de incentivador e propagador da arte-educação em João Pessoa que antes não se vira.

De fato o NAC teve seus anos de auge, de brilho, mas que aos poucos foi sendo apagado por falta de reconhecimento, como também por não exercício e educação cultural dos próprios paraibanos. O NAC contou, em suas várias exposições com os grandes nomes da arte, que ainda hoje se recordam sentindo-se lisonjeados por terem um dia expostos seus trabalhos neste Núcleo.

O NAC desde sua proposta se apresentou como pura arte, arte da arte, memória e história, todos estes conceitos encontram-se nos lugares de memória resguardados pelo Núcleo. Um Núcleo que desde 1985 (ano em que acaba o convênio com a FUNARTE) vem sobrevivendo, dando suspiros e tentando aos poucos viver nas trincheiras, não apenas resistir.

Um Núcleo que sobrevive por ausências de vários apoios e, principalmente, o financeiro, mas que com um projeto de extensão e a presença de trabalhos universitários direcionado para a revelação e exposição da sua importância fazem com que o NAC e os seus envolvidos voltem a sentir sua relevância, bem como a necessidade de manter o Núcleo em funcionamento. A memória do NAC encontra-se plenamente presente em cada documento, em cada convite, ofício, relatório e resolução. As lembranças e a história do NAC são reveladas, evocada a cada nova descoberta. No entanto, a consciência da necessidade de tratamento, preservação e conservação dessa documentação não existia consistentemente até a implementação do projeto supracitado. Sabendo-se que o projeto representou um

momento singular para o NAC, no qual a consciência foi desperta, necessitando da rápida tomada de decisão quanto à preservação desse acervo único.

A presença do arquivista no NAC permitiu que se trouxesse a memória de sua fundação, o porquê de sua criação e muitas outras questões que fazem parte do legado do Núcleo, bem como preencher algumas lacunas percebidas ao longo da história deste. A investigação documental propiciou o conhecimento de que o NAC não se caracteriza como apenas mais um Núcleo, mas sim como um lugar de memória no qual desde seu lugar físico até um simples rabisco dos anos, os quais ainda era uma proposta representam e inspiram memória.

Lucena (apud CÓRDULA; PEREIRA, 1978, p. 3), afirma, “O NAC é uma proposta! E, como tal, sempre deve ser; sem academicismo ou virtuosismo. Deve ser, permanentemente, o espaço lúdico e inteligente do descobrir, do procurar, da indagação e do questionamento cultural”. O NAC nasceu como proposta concretizou-se como projeto de arte-educação, vive em estado de sobrevivência nas trincheiras, resistindo aos maus tempos, mas ainda assim percorre pequenos passos para cumprir com sua finalidade, continuando a escrever o seu legado.

A conservação e a preservação dos acervos, independente de sua relevância histórica ou cultural, tem se tornado uma discussão cada vez mais acentuada na arquivística, de forma que pesquisas têm sido desenvolvidas para expor o caráter primordial de preservar para manter a história e garantir de algum modo o conhecimento dessa história do presente para as gerações futuras. Preservar hoje é uma das alternativas e talvez a mais fácil para poder ter um amanhã.

Pensar em Arquivo, em gestão, nos remete diretamente a preservação, pois o profissional arquivista rompendo seus paradigmas mostra-se não como um homem do passado, mas como um profissional competente, especializado, para gerir o presente pensando no passado e no futuro.

Pesquisas desta natureza relevam-se por apresentarem como um dos objetivos implícitos e consequentes, a conscientização de uma sociedade que por vezes não conhecem a história e desconhecem a memória da sua própria cidade, região, povo, nação, as quais são perdidas pela ausência de um profissional especializado que por acaso se encontra em formação e no mercado de trabalho.

Preservar é preciso, porém tem se tornado uma necessidade; evocar é preciso e tem se tornado banalidade. Os lugares de memória “gritam” por socorro, por preservação, conservação, pois ainda desejam ansiosamente viver na

lembrança, buscando ser evocado por algo ou alguém. Arquivo é memória, documento é memória e memória é vida. E assim como a vida tende a ser preservada assim é a memória através da preservação e conservação do patrimônio documental, seja ele pessoal ou institucional, apresentando caráter histórico, cultural ou não. De alguma forma servirá de fonte para alguém, fonte de pesquisa, de informação ou de lembranças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvia Maria Leite de. **Memória, documento e arquivo: apontamentos para uma história das instituições educativas**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 21 – 30, jul./ dez., 2005.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Tratamento documental. In: _____ **Arquivos permanentes**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Reflexões sobre o conceito de memória no campo da documentação administrativa. In: _____ **Arquivos permanentes**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica: arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. Memória – Sonho e Memória – Trabalho. In: _____ **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.
- BRASIL, Arquivo Nacional. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, 2004.
- CASANOVAS, L. E. “Conservar ou “des-conservar”?”. **Boletim Trimestral da Rede Portuguesa de Museus**. 2003, v. 9, p. 9-11.
- CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer 5: Como fazer preservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.
- CÓRDULA, Raul. PEREIRA, Francisco. **ALMANAC - resumo das atividades do NAC, setembro de 1978 a fevereiro de 1980**. João Pessoa: FUNARTE: UFPB, 1980.
- COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves. **Os Fundamentos da Disciplina Arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- DANTAS, Célia. M. et al. O arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): sua história a partir de uma visão preliminar de um processo de diagnóstico. **Anais...** In: Semana de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba - Semex, 4, 2009, Campina Grande.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DUARTE, Zeny. Arquivo e Arquivista: conceituação e perfil profissional. **Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, p. 141-151, 2007.

FONTANELLI, Silvana A. **Centro de Memória e Ciência da Informação**: uma interação necessária. São Paulo, 2005. 105f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2005.

FREIRE, Cristina. **Paulo Bruscky**: arte, arquivo e utopia. Recife: CEPE, 2007.

_____. **Poéticas do Processo**: arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. DP&A, 2002.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**: memória. Lisboa: Edições 70, 1982.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995.

JORDÃO, Fabrícia Cabral de Lira. Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (1978 – 1985). **Valise**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, ano 1, jul. de 2011.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MATOS, Maria Teresa N. de Britto; CUNHA, Vanda Angélica da. **Notas acerca da convergência da formação acadêmica e profissional entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação**. Bahia: UFBA, 2003

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, 1993.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Sistema de informações gerenciais: estratégias, táticas, operacionais**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 1997.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PENNER, Marta. **NAC e sua história: depoimento** [jul. 2011]. Entrevistador: Barreto Ferreira e Célia Medeiros Dantas. João Pessoa: UEPB, 2011. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida á monografia "Nas 'Trincheiras' da memória: um diálogo sobre o papel do arquivista para a preservação da memória no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC)".

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A construção social da memória. In: _____ **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Resolução n. 33**, de 08 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Resolução n. 15**, de 1979, João Pessoa: UFPB, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Portaria n. 19**, de 1978, João Pessoa: UFPB, 1978.

VALENTE, João. **NAC e sua história: depoimento** [jan. 2010]. Entrevistador: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. João Pessoa: UEPB, 2010. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida ao projeto "A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)".

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO de uso de imagem e voz (individual), sem fins comerciais

(Leia atentamente antes de assinar)

Nome: JOÃO ARRUDA VALENTE
 Nacionalidade: BRASILEIRA Data de nascimento: 22 / 06 / 1955
 Portador do RG nº: 366.216 Órgão Emissor: SSP/PB Data: _____
 CPF nº: 144.246.734-72 Fone (83) 87299890
 Endereço de residência: RUA ARAGÃO S. MELO, 526 - TORRE

Cidade: JOÃO PESSOA Estado: PARAÍBA CEP: 58090-100

Por este documento informo que autorizo a(o):

1 Manuela Eugênio Maia, CPF nº 027.302.284-97, RG nº 5.102.793 SSP-PE,
 2 Angélica Barreto Ferreira, CPF nº 070. 715. 614-94, RG nº 3.270.573 SSP-PB,
 3 Célia Medeiros Dantas, CPF nº 065.254.654-43, RG nº 3.065.086 SSP-PB
 por minha livre e espontânea vontade nesta data, na qualidade de servidora do Núcleo de Arte Contemporânea [NAC] da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], a utilizar minha imagem e voz **APENAS PARA FINS ACADÊMICOS E PARA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO referido NÚCLEO da UFPB.**

Podendo, de posse da minha imagem: imprimir, reproduzir em *folders, slides* e qualquer tipo de materiais impressos, ou por qualquer outro processo análogo; podendo, ainda, de posse da minha voz utilizar em exibição em veículos de comunicação, bem como para produção de material promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, e / ou disseminá-la através da Internet. A autorização prevista acima não tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e /ou no exterior, sem que me seja devida, a qualquer tempo e sob qualquer título, sem ônus ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de minha imagem e / ou voz.

A presente autorização é firmada em caráter irrevogável e irretratável obrigando a mim, meus herdeiros e sucessores a aceitar essas condições de uso de minha imagem e voz.

APÓS TER LIDO ESTE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E TENDO COMPREENDIDO SEUS TERMOS, ENTENDO QUE ESTOU DESISTINDO DE DIREITOS SUBSTANCIAIS ATRAVÉS DA ASSINATURA DO MESMO, A QUAL FAÇO LIVRE E VOLUNTARIAMENTE, SEM QUALQUER COERÇÃO, NA PRESENÇA DE DUAS TESTEMUNHAS INSTRUMENTÁRIAS.

João Pessoa, 22 de Junho de 2011.

João Arruda Valente
 Assinatura da concedente:

RG nº 366.216 OE SSP/PB

Testemunha 1

Nome: Angélica Barreto Ferreira

RG nº: 3.270.573 SSP/PB

Assinatura: Angélica Barreto Ferreira

Testemunha 2

Nome: Célia Medeiros Dantas

RG nº: 306.5086 SSP/PB

Assinatura: Célia M. Dantas

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO de uso de imagem e voz (individual), sem fins comerciais

(Leia atentamente antes de assinar)

Nome: Marta Penner da Cunha
 Nacionalidade: BRASILEIRA Data de nascimento: 30/11/1965
 Portador do RG nº: 071780571 Órgão Emissor: DFP-RJ Data: _____
 CPF nº: 37620589191 Fone: (83) 33863988
 Endereço de residência: Rua João Domingos 424/103
 Cidade: João Pessoa-PB Estado: Paraíba CEP: _____

Por este documento informo que autorizo a(o):

- 1 Manuela Eugênio Maia, CPF nº 027.302.284-97, RG nº 5.102.793 SSP-PE,
- 2 Angélica Barreto Ferreira, CPF nº 070. 715. 614-94, RG nº 3.270.573 SSP-PB,
- 3 Célia Medeiros Dantas, CPF nº 065.254.654-43, RG nº 3.065.086 SSP-PB

por minha livre e espontânea vontade nesta data, na qualidade de servidora do Núcleo de Arte Contemporânea [NAC] da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], a utilizar minha imagem e voz **APENAS PARA FINS ACADÊMICOS E PARA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO referido NÚCLEO da UFPB.**

Podendo, de posse da minha imagem: imprimir, reproduzir em *folders, slides* e qualquer tipo de materiais impressos, ou por qualquer outro processo análogo; podendo, ainda, de posse da minha voz utilizar em exibição em veículos de comunicação, bem como para produção de material promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, e / ou disseminá-la através da Internet.

A autorização prevista acima não tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e /ou no exterior, sem que me seja devida, a qualquer tempo e sob qualquer título, sem ônus ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de minha imagem e / ou voz.

A presente autorização é firmada em caráter irrevogável e irretroatável obrigando a mim, meus herdeiros e sucessores a aceitar essas condições de uso de minha imagem e voz.

APÓS TER LIDO ESTE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E TENDO COMPREENDIDO SEUS TERMOS, ENTENDO QUE ESTOU DESISTINDO DE DIREITOS SUBSTANCIAIS ATRAVÉS DA ASSINATURA DO MESMO, A QUAL FAÇO LIVRE E VOLUNTARIAMENTE, SEM QUALQUER COERÇÃO, NA PRESENÇA DE DUAS TESTEMUNHAS INSTRUMENTÁRIAS.

João Pessoa, 22 de Julho de 2011.

Assinatura da concedente:

RG nº 0717805-1/0E DFP-RJ

Testemunha 1

Nome: Angélica Barreto Ferreira

RG nº: 3.270.573 SSP/PB

Assinatura: Angélica Barreto Ferreira

Testemunha 2

Nome: Célia Medeiros Dantas

RG nº: 3065086 SSP/PB

Assinatura: Célia M Dantas